

“Chegou a vez da minha geração no poder”

O que falta para o senhor ser o candidato de Roriz ao GDF?

— Eu sempre fui técnico, e embora tenha tido participação na vida política, desde os tempos de estudante, nunca havia pensado em me candidatar a nada. Não estava considerando, mas o resultado da última pesquisa do **Data-folha** — que me deu um índice bastante expressivo, já que os outros nomes eram de políticos tradicionais, conhecidos — me motivou a colocar o nome à disposição do governador, do partido e das coligações que se formarem. É natural que o PP tenha o candidato majoritário e neste contexto eu coloquei o meu nome, com humildade, mas com muita determinação.

Nesta última pesquisa, o senador Valmir Campelo aparece com 29% e o senhor com 8%. Isto pode ser um obstáculo?

— Temos vários exemplos no Brasil de candidatos que não começaram liderando as pesquisas, mas subiam por sua capacidade, pelo seu passado e perspectiva de futuro. Estes quadros se invertem depois que a campanha decola e os candidatos começam a defender publicamente suas idéias. Então, considero o índice que obtive muito positivo, por eu ser técnico, e não ter tido uma vivência política mais prolongada.

O senador Valmir Campelo foi eleito numa coligação apoiada por Roriz e lidera as pesquisas. Ele não seria um candidato mais forte?

— É verdade que ele foi eleito numa coligação liderada por Roriz. Isto prova que uma coligação liderada por ele tem grandes chances de vitória.

Valmir Campelo disse que ele era um político, e o senhor um técnico.

— Já respondi isto, e não considerado que tenha sido uma crítica. Foi uma constatação, é uma verdade. Não sou um político profissional, tenho uma formação técnica e acha que não se pode fugir desta realidade.

Existe rivalidade entre Arruda e Campelo?

— Claro que não. É natural, num processo político, que despontem nomes de perfis diferentes, mas temos um grande respei-

João Júnior e
Luís Cláudio Alves

Os adversários que se cuidem. O atual livro de cabeceira do secretário de Obras do GDF, José Roberto Arruda, é “A Arte da Guerra”, de Sun Tzu, o que mostra a sua disposição para a campanha. Sua batalha agora é conquistar a bênção do governador Joaquim Roriz na disputa pelo Palácio do Buriti. O candidato a candidato deve deixar a Secretaria nesta quarta-feira e sair às ruas com a bandeira das “três mil obras” realizadas durante sua gestão.

Ele acredita que chegou a hora de “a geração que escolheu Brasília e quis mudar o mundo” atingir o poder e fala com entusiasmo de uma possível coligação do PP de Roriz com o PSDB de Fernando Henrique Cardoso. Arruda veste a camisa de técnico e confessa que não é político profissional. “Eu me identifico com os engenheiros anônimos que construíram Brasília”, diz.

O homem do metrô de Roriz nasceu à beira de uma linha ferroviária na pequena cidade mineira de Itajubá. Seu pai era guarda-freio, funcionário encarregado de impedir acidentes com os trens. Ele está em Brasília desde 1975 e tem três filhos nascido na capital. Aos 40 anos, Arruda se diz no auge da maturidade e pronto para governar o Distrito Federal. Ele já ocupou a Secretaria de Serviços Públicos na gestão de José Aparecido de Oliveira e foi chefe da Casa Civil no primeiro ano do governo Roriz.

to mútuo. Política é a arte da conversa, e todos os atores da cena brasiliense têm conversado muito, sem exceção.

A inauguração do metrô foi antecipada de 21 de abril para hoje. Esta mudança teve objetivos eleitorais?

— Não, o cronograma está sendo cumprido normalmente. Há uma opção técnica: se não entregássemos este primeiro trecho, e esperássemos a conclusão do restante para entregar tudo, teríamos mais seis meses de operação experimental, o que não seria lógico, racional e econômico.

O metrô é um bom cabo eleitoral?

— Toda ação de governo voltada para o bem-estar da sociedade, para a melhoria da qualidade de vida, é produtiva. O metrô recebeu apoio popular em todas as

pesquisas de opinião, e é politicamente positiva, porque atende aos anseios da sociedade.

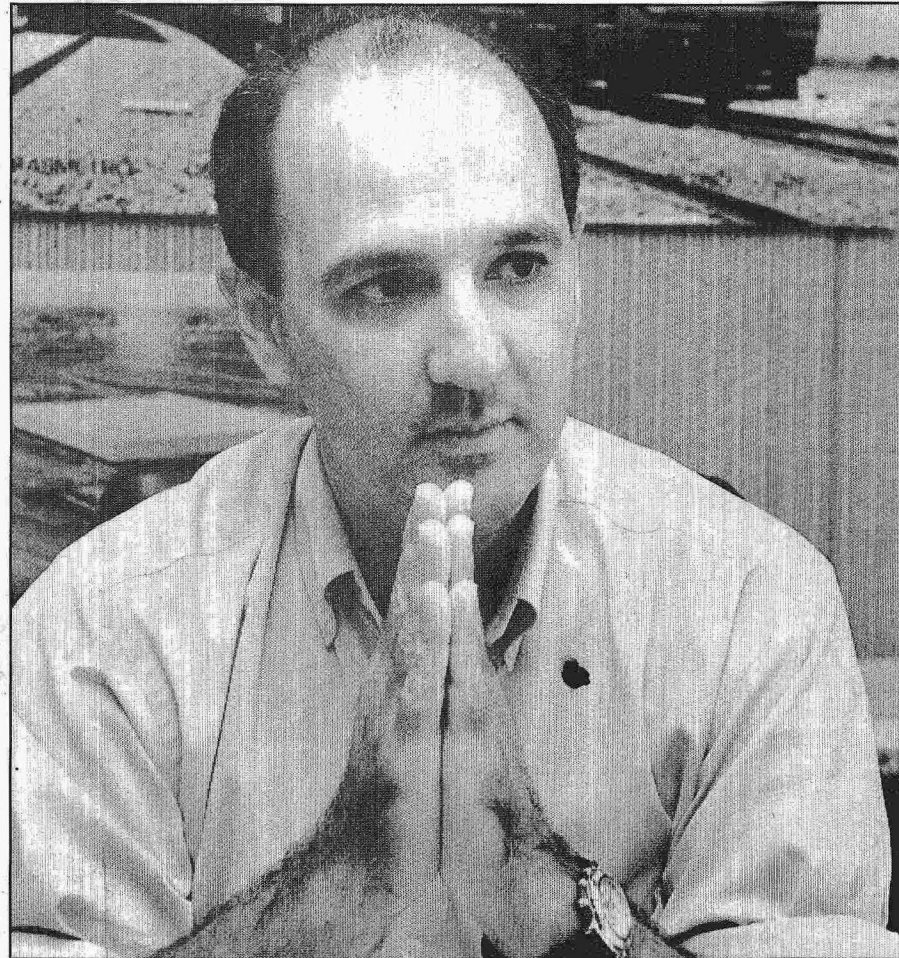
Ele poderá ser utilizado pelos adversários na campanha?

— Toda obra que vai ao encontro da vontade da população é atacada pelos grupos que não participaram dela. A história do Brasil é isto. Aconteceu quando Getúlio Vargas construiu a Petrobrás, quando Juscelino quis fazer Brasília. Os mesmos grupos que eram contrários depois vieram morar aqui.

O programa do candidato Arruda é a continuação do plano de Roriz?

— O plano do candidato que for representar a ação administrativa de Roriz terá obrigatoriamente, que complementar o que vem sendo feito por ele. A criação de empregos, deve ser a meta fundamental e, mais do que isto, a

CARLOS EDUARDO



Arruda: “Fui fundador do PSDB e só saí do partido para ficar ao lado de Roriz”

única alternativa para que Brasília ganhe sustentação econômica e vida própria. É preciso ainda continuar a urbanização das satélites e o reordenamento urbano.

Dentro deste raciocínio o senhor não seria um candidato natural, já que as obras que marcam o governo passaram por suas mãos?

— A minha resposta é difícil, pois corro o risco de ser parcial na análise. Todas as pessoas que contribuíram para a sustentação política e operacionalidade deste plano de governo estão credenciados. Tenho muito orgulho de ter feito três mil obras, mas há também aqueles que nos deram suporte no Congresso Nacional, na Câmara Legislativa.

Está na hora da sua geração chegar ao poder?

— Não tenho dúvidas, chegou a hora. Podemos considerar os mais diferentes espectros ideoló-

gicos e níveis de pensamento, mas chegou a hora da minha geração, marcada pela sensatez, equilíbrio, maturidade e disposição. É o momento do trabalho. A nossa geração é a que queria mudar o mundo, é este ideal continua. O que mudou foram as armas.

Como o senhor vê a aproximação de Roriz com o PSDB?

— Com muito bons olhos. Fui fundador do PSDB e só saí do partido para ficar ao lado de Roriz na eleição de 1990. Apóio com convicção o parlamentarismo, que é uma das bandeiras do PSDB, que tem excelentes quadros em Brasília. Tenho uma ligação histórica com o partido, e acredito que a candidatura à Presidência, de Fernando Henrique Cardoso é um sopro de esperança para o Brasil.

O ministro Maurício Corrêa é um bom candidato ao GDF?

— Não gostaria de fazer análises pontuais dos nomes que estão surgindo. Se eu criticasse, poderia estar sendo imparcial, e se elogiasse poderia ser antiético com os outros.

Seria possível uma chapa de Maurício com Arruda?

— Não gostaria de analisar eventuais chapas, pois estaria passando a carroça na frente dos bois. As coligações e parcerias só se darão depois das articulações em nível nacional. Mas em política, tudo é possível.

Existe a possibilidade de Fernando Henrique se candidatar com o apoio do PP? Isto não facilitaria a sua aproximação com Maurício?

— Se o ministro tiver o apoio do PP, ficarei muito feliz. Pelo menos em tese. Isto nos aproximaria de uma articulação local entre os dois partidos.

Como o senhor avalia uma eventual coligação do PTB com o PDT, lançando candidato próprio?

— Nas aulas que tenho tido nestes anos de vida pública, aprendi que não se deve temer nada, mas respeitar todas as forças políticas. Há uma grande possibilidade de entendimento em torno da defesa de Brasília, da vida econômica das satélites, e da continuidade da ação administrativa de Roriz. Esta é a meta a ser conquistada, e se não for ajudar muito, pelo menos pretendo não atrapalhar. O importante é que as forças políticas se aglutinem para defender Brasília.

Roriz disse que gosta do candidato técnico com perfil político. Foi uma sinalização favorável à sua candidatura?

— Não, ainda não. Não quero ser muito otimista ao dizer que sim, e nem pessimista ao dizer que não. É uma sinalização para todos os que têm este perfil. Há muitos, mas me considero incluído.

Mas Roriz falou em técnicos que são políticos, e não em políticos técnicos...

— Eu diria que, entre aqueles que dão sustentação à ação administrativa ou política do governo, há muitos nomes com este perfil.